

VIGÉSIMO SEGUNDO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

TEXTO: **MARCOS 10.46-52**

1. Tema do dia

O período litúrgico da igreja em que estes textos se encontram são significativos. É o final do ano da Igreja. Em aproximadamente um mês chegaremos ao final de mais um ciclo.

Embora nem sempre seja fácil encontrar uma relação nítida entre os textos da série trienal, no caso dos textos deste domingo, parece haver uma conexão bastante clara entre eles. Os textos enfatizam a consumação da obra salvadora de Deus em favor do seu povo. Ou seja, a tônica está no que Deus fez e fará finalmente para salvar a humanidade. O salmo aponta para isso ao falar dos que se alegram com a libertação e dos que saíram para semear (chorando), mas que voltarão cheios de alegria com a colheita. Jeremias profetiza este aspecto ao anunciar a restauração de Israel do exílio. Hebreus aponta para Jesus, o sacerdote supremo, único, perfeito e eterno, cujo sacrifício redentor é válido para todos e para todo o sempre. Já a narrativa do Evangelho apresenta este Salvador pela boca de um cego, mendigo, que clama por misericórdia e recebe a graça de Deus.

Em última análise, podemos afirmar que Jesus de Nazaré – o Filho de Davi – é o que traz a restauração única, total e definitiva. Neste sentido, não podemos deixar de lembrar do final dos tempos e da grande e plena restauração de toda a criação que está prometida por Deus.

2. As leituras do Domingo

Primeiramente, vale lembrar que a preparação homilética, por melhor que se estude os textos bíblicos, requer sempre uma postura de grande humildade e súplica. De humildade, pois o pregador precisa, primeiro, ouvir Deus falar à sua mente e ao seu coração através dos textos. Seguido de súplica a Deus Espírito Santo, para que este o capacite na transmissão da mensagem bíblica de forma clara e edificante. De modo que os ouvintes sejam alcançados e transformados pela palavra de Deus, apesar das limitações humanas do pregador.

Neste sentido, o estudo homilético é também um grande desafio prático, pois o foco

final de toda preparação e estudo é a mensagem de Deus anunciada para o seu povo. Portanto, os apontamentos apresentados aqui têm por objetivo ampliar a reflexão do pregador e ajudá-lo a encontrar o melhor caminho para levar a mensagem de Deus aos seus ouvintes.

Salmo 126

Este salmo é uma canção de peregrinos. O período mais provável de sua composição situa-se na volta do povo de Israel do exílio babilônico (530 a.C. e 450 a.C. aproximadamente).

O texto enfatiza a intervenção súbita e surpreendente de Deus em favor do seu povo. Libertação e restauração é a ênfase do texto e o motivo da alegria do povo e seu louvor a Deus. Os versículos 1-3 expressam a alegria com o agir misericordioso de Deus em favor do seu povo. Já os versículos 4-6 expressam o desejo, a necessidade e a oração do povo pela restauração completa.

É interessante observar como o salmo apresenta as diferentes dimensões de tempo. Passado, presente e futuro. Inicia com um olhar para o passado, para as intervenções de Deus, para a restauração pós-exílio. Neste sentido, destacam-se expressões como “trouxe de volta”, “estávamos sonhando” (v.1), “rimos e cantamos”, pois “O Senhor fez grandes coisas” (v.2). Esta ação de Deus no passado, em favor do seu povo, são o motivo da alegria no presente. A exemplo disso, destacam-se expressões como “De fato, o Senhor fez grandes coisas por nós, por isso estamos alegres” (v.3). Contudo, o salmo apresenta também um olhar para o futuro. O salmista lembra que “aqueles que saíram chorando para semear... voltarão cantando, cheios de alegria” (v.6) e trarão nos braços o resultado da colheita.

Assim também é nossa vida, enquanto peregrinos em jornada. Olhamos para o passado, lembramos da bondade de Deus e do seu agir gracioso em nosso favor, especialmente ao enviar o Salvador ao mundo, por seu sacrifício na cruz e pela esperança de vida através de sua ressurreição. Isto nos motiva para viver o presente com alegria, pegar a semente do Evangelho e semear. Enquanto aguardamos ansiosamente o grande dia da colheita, da celebração, o dia em que retornaremos para casa de nosso Pai.

Ninguém consegue ler Salmos sem perceber que certos salmos e versículos de salmos têm um significado mais profundo e futuro, um sentido que vai

além do simples significado das palavras. O Messias não é mencionado por nome, mas sua pessoa é profetizada, como gerações posteriores de judeus vieram a perceber. E os escritores do NT trataram de aplicar esses versículos a Jesus como o Messias profetizado. (MANUAL BÍBLICO SBB, 2008, p. 388)

Em síntese, é difícil ler um salmo como este no contexto da igreja de hoje sem estabelecer uma ponte entre sua mensagem e a esperança cristã sobre o novo céu e a nova terra.

Jeremias 31.7-9

O profeta Jeremias nasceu por volta de 650 a.C. Ele era descendente de uma família sacerdotal nos arredores de Jerusalém e foi chamado para o ofício profético ainda bastante jovem (628 a.C.). Sua vida e caráter são intensos. Ele teve como função advertir os governantes e o povo sobre a corrupção moral, anunciando a ruína da nação caso não houvesse mudança. Mas Jeremias não foi ouvido e viu o dramático fim do reino de Judá sob o domínio de Nabucodonosor (586 a.C.). Embora visse nos exilados a esperança do futuro, Jeremias preferiu permanecer na Palestina. Sua mensagem, porém, ecoará nos profetas do exílio e pós-exílio (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2003).

LaSor olha para o contexto de Jeremias e vê o agir soberano de Deus através de diferentes eventos históricos, com o objetivo último de realizar sua vontade. Isto é, salvar o seu povo.

Eventos em Judá, no Egito e na Babilônia resultavam muito mais da soberania divina que da política humana. A política humana só podia obter sucesso quando concordava com a vontade de Deus. Jeremias insistiu nesse ponto com Jeoaquim e Zedequias. O sucesso de Nabucodonosor não se devia tanto à façanha política ou ao poderio militar, mas ao comando de Deus (cf.27.6). A soberania de Deus na história manifesta-se em seu uso das nações para realizar sua vontade. (LASOR, 1999, p.379)

Assim, num dos momentos mais difíceis do povo de Israel, Jeremias traz uma mensagem de esperança. Quando tudo indica para o fim desse povo e nação sob o jugo babilônico, Deus promete a restauração, um futuro para seu povo. Deus não rejeitou seu povo para sempre. O sofrimento temporário tem o objetivo de purificação. Mas um remanescente ('resto' – v.7) será libertado. Os exilados irão retornar para casa. Deus os levará de volta para seu lar.

Antes de tudo, é importante lembrar o motivo pelo qual o povo foi levado ao exílio, isto é, o pecado, a idolatria, os vícios, a desobediência e o afastamento da Palavra do Senhor. Razão pela qual a maior parte do livro de Jeremias traz um gosto amargo, com duras ameaças contra Judá e Jerusalém. Contudo, o castigo não é a última palavra de Deus. O Senhor não quer a ruína do seu povo, por isso Deus mantém suas promessas e age em favor do seu povo para restaurá-lo. A restauração prometida revela conversão interior (do coração) e perdão divino, conhecimento de Deus, paz e alegria.

É neste contexto que se encontra a passagem deste domingo (Jr 31-7-9). Este texto é um convite à celebração, cujo motivo é a restauração de Sião. De modo imediato, trata-se de uma profecia sobre a libertação futura de Israel do exílio. Entretanto, como todo texto profético, estas palavras de Jeremias têm um significado de curto e de longo prazo (MANUAL BÍBLICO SBB, 2008). Ela aponta para diferentes eventos separados entre si pelo tempo.

Intérpretes da Bíblia discordam quanto ao pleno sentido dessas promessas. Algumas coisas, no entanto, são claras: por exemplo, Deus promete que uma “nova aliança” substituirá e melhorará a antiga, não cumprida. Hebreus 8 cita uma passagem chave deste capítulo de Jeremias e aplica a profecia a Jesus, que tornou possível a nova aliança e seu maravilhoso perdão. (YANCEY; QUINN, 2003, p. 164).

Ou seja, Jeremias estava falando do retorno efetivo do exílio, mas a promessa não se esgota aí. A partir do Novo Testamento é possível enxergar a realização plena desta profecia em Jesus e na sua obra, especialmente naquilo que acontecerá quando Ele voltar (parousia). Para Lutero (2003), neste texto Jeremias (cap. 31) profetiza com muita clareza sobre a pessoa de Cristo, sobre seu Reino, sobre o Novo Testamento e sobre o fim do Antigo Testamento.

Assim também ocorre agora em todas as partes. Agora que o fim do mundo se aproxima, as pessoas se enfurecem e se inflamam agitadas contra Deus, da maneira mais horrível, blasfemando e condenando a Palavra de Deus, embora saibam que ela é a Palavra de Deus e a verdade. Além disso, estão aparecendo muitos sinais e milagres horríveis, tanto no céu como em quase todas as criaturas que os ameaçam terrivelmente. De fato, também esta é uma época má e miserável, e ainda pior do que o tempo de Jeremias.

[...] Cristo, porém, saberá preservar os seus. É por causa deles que ele deixa brilhar sua Palavra em nossa época vergonhosa, assim como na Babilônia ele sustentou Daniel e os que eram iguais a ele, por cuja causa a profecia de Jeremias tinha de brilhar. (LUTERO, 2003, p. 52)

Para governar o seu povo com justiça e santidade Deus promete o Messias, o Ungido, que descende da linhagem de Davi. É esse salvador que o profeta Jeremias vislumbra em sua profecia. Esta esperança sobreviveu à conquista de Israel e ao exílio babilônico, veremos isso nos profetas do exílio e posteriores. Em cada tempo, obviamente, o povo procura repousar suas expectativas pelo salvador de diferentes formas. Contudo, os primeiros cristãos compreenderão que todas as profecias messiânicas se cumpriram em Jesus. Ele é o Salvador, o Cristo, o Messias, o Filho de Davi.

Hebreus 7.23-28

O contexto de Hebreus 7 é o ofício sacerdotal. Como referência, o autor fala do sacerdócio levítico no Antigo Testamento (AT), traz à reflexão o enigmático personagem Melquisedeque e conclui falando de Jesus o supremo, único e perfeito sacerdote. No livro como um todo há uma grande ênfase na descrição de Jesus como sacerdote (14 vezes) ou sumo sacerdote (17 vezes). Ou seja, o autor claramente procura estabelecer pontes com a obra salvadora de Cristo.

Entre os judeus, o sumo sacerdote não era apenas o chefe religioso máximo. Era também a maior liderança entre o povo, pois era quem presidia o Sinédrio – a suprema corte judaica. Entretanto, desde os tempos de Moisés, a maior responsabilidade do sumo sacerdote era conduzir a cerimônia religiosa do ‘Dia do Perdão’ (Dia da Expição – *Yom Kippur*). Dia em que ele entrava na área do templo conhecida como “Santo dos Santos” ou “Santíssimo Lugar”. Aliás, vale lembrar que só o sumo sacerdote poderia entrar ali e somente neste dia. Ou seja, ele era o responsável por conduzir o pedido de perdão diante do trono de Deus. Nesse dia o sumo sacerdote oferecia um sacrifício por si mesmo e outro pelo povo – a quem representava. Ele então levava o sangue do animal sacrificado até o ‘trono’ de Deus e aspergia sobre o propiciatório.

De acordo com Morris (2003), a essência do sacerdócio é a oferta representativa. O sacerdote precisa ser um representante genuíno daqueles por quem ele exerce seu sacerdócio apresentando uma oferta a Deus. Assim, o sacerdote era um ser humano como os que ele representava. Além disso, um sacerdote oferece sacrifícios. Por isso, se queremos levar o sacerdócio a sério como uma categoria para interpretar a obra de Cristo, temos de vê-lo oferecendo um sacrifício. Neste sentido, uma das principais ênfases de Hebreus é que Jesus apresentou um sacrifício, o sacrifício de si mesmo, e que esse sacrifício é perfeita e

permanentemente eficaz. Em contraste com os sacerdotes levitas, com suas ofertas diárias, Jesus se sacrificou de uma vez por todas.

O fato é que o sistema sacerdotal do AT tem falhas evidentes. Esses sacerdotes (humanos) não podiam suprir plenamente as necessidades de uma humanidade em pecado. Para Stott (2007), o sacerdócio levítico do AT era efêmero (os sacerdotes não podiam permanecer no ofício para sempre, pois eram mortais), era pecaminoso (algo escancarado no fato de que, antes de interceder pelo povo, os sacerdotes precisavam oferecer sacrifícios por eles mesmos), e tinha um caráter temporário (pois precisava ser oferecido continuamente).

Além disso, quando um sacerdote morria, sua função/ofício passava para outra pessoa, da tribo de Levi. Assim o povo sempre precisava de alguém que ‘intercedesse’, que representasse, que fosse esse intermediário entre o povo e Deus, para buscar e receber o perdão.

Com Jesus é diferente. Jesus “vive para sempre” (v.24) e por isso Ele “vive sempre para interceder por nós” (v.25). Ninguém, jamais, poderá interromper ou acabar com seu sacerdócio. Como ressalta Morris (2003, p.368), “outros sacerdotes morrem e são substituídos, mas o sacerdócio de Cristo não tem fim”. Pois ele ressuscitou. Além disso, Jesus é o sacerdote perfeito. Ele não tem nenhum pecado (v.26). Por fim, o caráter do sacrifício de Jesus é eterno. De uma vez por todas, Jesus é aquele que restaura a humanidade diante de Deus. Ou seja, Jesus vive para sempre, Seu sacerdócio é eterno (v.24) e, por isso, ele pode, hoje e sempre, salvar as pessoas que vão a Deus por meio dele (v.25).

Desta forma, o autor de Hebreus traz à lembrança a imagem do sumo sacerdote e da sua função. Contudo, ele apresenta um contraste entre todos os demais sacerdotes que já existiram e o Sumo Sacerdote – Jesus. Este é o maior de todos. O mais importante. O único que realiza o sacrifício propiciatório perfeito. E para todo o sempre. Em Jesus se afunilam e desaguam todos os pedidos de perdão, do passado, do presente e do futuro. Somente por meio de Jesus a culpa da humanidade é paga. Definitivamente.

Essa soberania absoluta de Jesus como sumo sacerdote é justificada. Ele é santo, inculpável, sem defeito, sem pecado. Por isso, Ele não precisa, primeiro, oferecer sacrifícios por seus próprios pecados. O sacrifício que ele oferece é unicamente por causa dos pecados do povo (por mim e por você). Obviamente que não conseguimos compreender a dimensão completa do sacrifício de Cristo, mas sabemos que nem morte, nem diabo, nem ninguém pode detê-lo. Por isso mesmo, Jesus continua sendo nosso Sumo

Sacerdote para sempre e o seu sacerdócio não passa para nenhum outro (Hb 7.24).

Jesus não é só diferente de todos os sacerdotes do Antigo Testamento. Também é diferente de todos os sacerdotes do Novo Testamento. Nenhum pastor de hoje pode ser referência ou ocupar o lugar de Jesus. Jesus é santo, sem culpa, sem pecado, sem mancha. Ele não precisa se arrepender. Não precisa de perdão. Não precisa de purificação. Ele não precisa de sacrifícios. Somos nós que precisamos de tudo isso. Jesus nos resgata de nossa futilidade, da nossa corrupção, da nossa soberba, da nossa transgressão, do nosso pecado. Ele nos resgata não com ouro ou prata, mas com seu santo e precioso sangue (1Pe 1.19).

Conforme destaca Morris a respeito de Hebreus, “observamos que uma coisa que o autor pensa de Cristo é que ele foi grande o suficiente para se tornar humano para a nossa salvação. Uma das coisas fascinantes dessa carta é como ela une a mais elevada cristologia possível à perspectiva mais realista possível da fraqueza da carne humana” (MORRIS, 2003, p.366).

Por ser quem é, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, Jesus acaba com o abismo profundo que há entre criatura e Criador. Jesus é “capaz” de salvar, hoje e sempre, todas as pessoas que vão a Deus por meio dele (Hb 7.25). De acordo com Cesar (2010), parece que o grande problema do ser humano é que ele conhece apenas o homem Jesus, o filho de Maria, e nada mais. Nossos olhos ainda têm dificuldade de enxergar o Jesus que é a imagem visível do Deus invisível! Talvez aí esteja a razão de tantas pessoas, atualmente, simplesmente não conseguirem admitir que este Jesus é suficiente Salvador. Por isso é necessário compreender e ressaltar sempre “que o sacrifício de Cristo não é simplesmente *um* caminho até Deus, mas *o* caminho” (MORRIS, 2003, p. 370).

Contudo, a soberania de Jesus não se deve apenas à sua perfeição e santidade. Sua soberania se deve também ao fato de que ele fez o que ninguém mais foi capaz de fazer.

Quem mais andou sobre o mar? Quem mais multiplicou cinco pães e duas sardinhas para saciar mais de 5mil estômagos? Quem mais parou um cortejo fúnebre e mandou o morto sair do caixão? Quem mais amou como ele amou? Quem mais falou como ele falou? Quem mais perdoou como ele perdoou? Quem mais curou como ele curou? Quem mais sofreu como ele sofreu? Quem mais foi gerado como ele? Quem mais suportou desaforos, escárnios e injustiça como ele? Quem derramou a sua alma na morte como ele? Quem tornou a viver por seu próprio poder e abandonou o túmulo por conta própria? Quem está assentado ao lado direito de Deus e colocando todos os poderes e estruturas perversas debaixo de seus pés, além de Jesus? Não há como escapar: Jesus fez e faz coisas que nenhum outro fez nem faz! (CESAR, 2010, p.327)

É por isso que “a salvação só pode ser conseguida por meio dele. Pois não há no mundo inteiro nenhum outro que Deus tenha dado aos seres humanos, por meio do qual possamos ser salvos.” (At 4.12).

3. O evangelho conforme Marcos 10.46-52

A narrativa encontra-se no contexto da última viagem de Jesus à Jerusalém. Ele deixou a Galileia e foi para o sul. Ficou um tempo na região à leste do rio Jordão e, depois, passou por Jericó. Jesus está a caminho de Jerusalém. Ele está a caminho da cruz. A narrativa se encaminha para o grande desfecho do plano redentor de Deus.

No contexto do capítulo (Mc 10), Jesus fala sobre o divórcio (1-12); abençoa as crianças (13-16) e as usa como exemplo de como se deve receber o reino de Deus (não com infantilidade, mas com humildade, amor e confiança); alerta para o perigo que as riquezas representam à fé (17-31) quando ocupam o primeiro lugar em nossas vidas – o lugar que é de Deus; anuncia (pela terceira vez) a sua morte e ressurreição (32-45); e, por fim, cura o cego Bartimeu (46-52).

O contexto posterior da narrativa (Mc 11) irá narrar a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém e os fatos que ocorreram nos últimos dias antes da paixão de Cristo.

Os personagens

No texto destacam-se os seguintes personagens:

Jesus – está ‘passando’, mas tem tempo para ouvir, curar/restaurar e salvar.

Bartimeu – Cego, mendigo, anima-se com a presença do Messias, confia e clama por misericórdia.

Multidão – acompanha Jesus, mas é hostil com os marginalizados como Bartimeu.

Discípulos – são apenas citados. Participam da narrativa como parte da multidão. Possivelmente, porque sua atitude/reação faz coro à postura desta.

A mesma história sob diferentes ângulos

Este episódio é narrado pelos três evangelistas sinóticos. Embora haja pequenas diferenças, parece não haver dúvidas de que os três relatos falam do mesmo

acontecimento, pois a essência da história é a mesma. Marcos é o único a chamar o cego pelo nome, Bartimeu. O evangelista Mateus faz referência a dois cegos, enquanto Marcos e Lucas citam apenas um.

Quanto ao ato da cura, Mateus afirma que Jesus “tocou nos olhos deles” (Mt 20.34). Enquanto os outros dois evangelistas apenas relatam que Jesus ‘disse’ e o cego foi curado. Lucas mostra ainda que a multidão, antes hostil em relação ao cego, depois de ver o milagre, “deu louvores a Deus” (Lc 18.43).

Quanto ao local específico do encontro de Jesus com o cego é difícil precisar se foi antes da comitiva chegar à Jericó ou se foi ao sair da cidade. O que é certo é que o encontro não se dá dentro da cidade, mas fora. Aliás, isso reforça a situação de marginalidade daquele cego em relação à sociedade. Conforme Marcos e Mateus, a cura acontece na saída da cidade de Jericó. Conforme o relato de Lucas, no entanto, a cura do cego aconteceu antes de chegar em Jericó, quando se aproximavam da cidade.

A partir de uma leitura do evangelho conforme Lucas, Kenneth Bailey (2016) afirma que a história do cego começa fora de Jericó porque, no Oriente Médio as pessoas demonstram honra a uma visita importante ao receber a pessoa “caminhando certa distância fora da vila para saudar o visitante e acompanhá-lo até o vilarejo” (BAILEY, 2016, p.174).

Bailey (2016) também estabelece uma relação entre as narrativas da cura do cego Bartimeu com o encontro de Jesus com Zaqueu. Os dois eventos ocorrem na mesma ocasião, isto é, na passagem de Jesus por Jericó, a caminho de Jerusalém. Ao aproximar-se da cidade, ocorre o encontro com Bartimeu – um cego, pobre, oprimido e marginalizado. Logo após, ao passar pela cidade de Jericó, ocorre o encontro de Jesus com Zaqueu – um rico, opressor, cobrador de impostos e corrupto.

O evangelista Marcos omite a história de Zaqueu. Possivelmente, devido ao foco da narrativa (isto é, a ênfase na paixão de Jesus) e seu objetivo (mostrar que Jesus é o Messias prometido). Neste sentido, a história de Bartimeu é narrada por Marcos por causa daquilo que o cego afirma sobre Jesus. Ele o chama de “filho de Davi”, o que é uma nítida referência ao Messias prometido.

Contudo, a relação apresentada por Bailey é oportuna e significativa. Para ele, é natural nossa leitura de que o Deus da Bíblia é aquele que se coloca do lado dos oprimidos (pobres, viúvas, rejeitados...). Mas o que dizer sobre Deus se colocar do lado de um opressor? O fato é que essas duas histórias que ocorrem em Jericó nos permitem ver que Jesus demonstra compaixão tanto pelo oprimido (Bartimeu) quanto pelo opressor

(Zaqueu). Jesus vem ao encontro de toda a humanidade. Ele oferece salvação e restauração para todos. Até mesmo por aqueles que não ‘esperamos’ serem salvos.

O cego era pobre e vivia de esmolas. Zaqueu era rico e chefe de uma repartição pública. O cego não podia ver a Jesus porque era desprovido de visão. Zaqueu não podia ver a Jesus por causa da multidão e porque era de pequena estatura. O cego, para chamar a atenção de Jesus, gritava seu nome cada vez mais alto. Zaqueu, para ver a Jesus desimpedidamente, correu adiante e subiu em um sicômoro. Os dois souberam aproveitar de maneira extraordinária a oportunidade que a passagem de Jesus lhes proporcionava e foram bem recompensados. [...] Jesus é incrível! Ele veio buscar e salvar o perdido. Seja um maltrapilho que se mistura com a poeira da estrada, seja um rico acostumado com o luxo. (CESAR, 2010, p.39)

Naquele dia, em Jericó, Jesus fez algo incrível e surpreendente. Próximo à cidade, Jesus se encontrou com o cego Bartimeu. Ao passar pela cidade, Jesus se encontrou com Zaqueu. Aos dois ele deu atenção. Aos dois ele ofereceu salvação e nova vida.

Destaques do texto

Os milagres de Jesus, como destaca João (20.31), são registrados para que possamos crer que Jesus é o Messias, o Salvador prometido. E, para que crendo, tenhamos vida por meio dele. Não podemos perder de vista este aspecto do texto bíblico.

É neste sentido que o milagre de Bartimeu precisa ser entendido. Embora a narrativa seja simples, o texto é carregado de aspectos importantes sobre o Messias e sobre nossa salvação.

O primeiro ponto que chama a atenção é o nome do cego (Bartimeu), que pode ser traduzido por “filho da imundície” (BAILEY, 2016). Isso fala muito a respeito da condição de vida daquele homem. O tratamento dispensado pela multidão, procurando calar o cego, reforça a situação de alguém rejeitado, marginalizado e excluído. Alguém cuja presença não era bem-vinda. Melhor seria se ele não estivesse ali.

Contudo, o aspecto de maior relevância no texto é o título de tratamento que Bartimeu usa em relação a Jesus. Ao ouvir a multidão e tomar conhecimento que é Jesus de Nazaré, o cego começa a gritar utilizando um título raro “*Filho de Davi*”. Esse é um título messiânico, utilizado pelos judeus, para se referir ao Salvador que seria descendente do rei Davi (Is 11.1,10).

Durante o ministério público de Jesus, como registram os Evangelhos Sinóticos, esse título só é usado pela mulher siro-fenícia (Mt 15.21-28) e por esse mendigo cego. Aqui, no início de sua subida para Jerusalém, Jesus é identificado como o “Filho de Davi” (Mt 20, Mc 10, Lc 18) e no final da sua vida terrena um centurião romano lhe dá o título de “Filho de Deus” (Mt 27 e Mc 15). Essa história, portanto, pode ser considerada um prólogo da narrativa da Paixão emoldurada pelos títulos “Filho de Davi” e “Filho de Deus. (BAILEY, 2016, p.174).

A referência a “Jesus de Nazaré” fala da humanidade de Jesus. Ele é uma pessoa, de carne e osso, com origem étnica, cidadania, localização histórica e geográfica. Ou seja, Jesus está identificado com a raça humana. Mas o cego Bartimeu fala algo mais. Ele chama Jesus de “*Filho de Davi*”. Ou seja, Bartimeu o reconhece como o Messias. O que ele diz indica que se está diante do Senhor, o Rei dos reis, diante de Deus. Portanto, a narrativa nos apresenta uma oportunidade singular de falar do Deus-Homem. Jesus é um ser humano, judeu, cuja família todos conheciam. Contudo, ele também é Deus, o Filho de Davi, o Messias prometido.

Parece até ironia, mas o cego olha para Jesus e, onde todos parecem ver apenas um ser humano, Bartimeu consegue ‘enxergar’ (perceber) que está diante de alguém especial, único, diante de Deus. “Os não cegos estavam vendo Jesus; o cego viu o Messias” (KIVITZ, 2012, p.272). Vale lembrar que o povo judeu aguardava o cumprimento da promessa sobre o Messias há séculos. E sua importância é tão grande que um judeu jamais invocaria alguém com este título se não estivesse convicto de estar diante do próprio Deus.

Assim, o cego nos ajuda a ver que além da perfeita humanidade de Jesus, a qual nos aproxima dele, está a sua messianidade e sua divindade. Bartimeu tinha uma limitação física, a cegueira. Contudo, este cego guarda a grande esperança de Israel – a vinda do Messias. Esperança, possivelmente, esquecida por muitos. Razão pela qual sua reação é impetuosa quando ouve falar que é Jesus. Ele começa a gritar, pedindo por misericórdia.

Este é outro ponto importante da narrativa: o clamor do cego por piedade, compaixão, misericórdia. O termo usado por Bartimeu (*eleison*) leva implícito a confiança no caráter de Deus – Ele é piedoso, compassivo e misericordioso. A verdadeira natureza de Deus é amar as pessoas que estão aflitas, perdoar aqueles que caíram, revigorar aqueles que estão exaustos. Tradicionalmente, este termo aparece na liturgia do culto (*kyrie eleison*). É confortador pensar em Deus dessa forma. É animador poder ir a Deus sabendo que ele acolhe aqueles que o buscam em espírito e em verdade.

Ao contrário da multidão, Jesus parou e mandou chamar o cego. Isto é, Jesus ordena à multidão que marginalizava o cego, para que o busque e o traga até sua presença. De

certa forma, nas entrelinhas, o texto chama a atenção para o modo como lidamos com esse tipo de situação em nossa sociedade. E mais, aponta para o papel da igreja, como aquela que deve ir ao encontro dos feridos, dos excluídos, dos rejeitados, dos oprimidos, sendo portadora do consolo e restauração, em nome de Jesus.

A forma como Jesus se dirige ao cego revela, ainda, o caráter amoroso e elegante de Deus. Na verdade, ela nos mostra não apenas quem é Jesus, mas como ele é. Revela não apenas que Jesus é Deus e o Salvador prometido, como também a maneira como esse Deus se relaciona com as pessoas.

Neste sentido, a pergunta de Jesus ao cego — “O que você quer que eu lhe faça?” (v. 51) — é surpreendente. Conforme Kivitz (2012), é surpreendente porque Jesus está diante de um cego. Qual o nexos de alguém perguntar a um cego: “O que você quer que eu lhe faça?” Parece óbvio que o cego quer enxergar, quer deixar de ser cego. Mas a maneira de Jesus se dirigir ao cego revela uma dimensão do caráter de Deus, a saber, sua elegância. Deus não invade a vida das pessoas fazendo o que bem quer, do jeito que quer, a hora que quer. Deus pede licença. Deus entra na sua vida pela porta, apenas se você abrir a porta. Jesus é o Bom Pastor, que não entra pela janela, não pula o muro, não invade, como fazem os ladrões. Jesus entra pela porta. Em Apocalipse está dito que Jesus está à porta e bate; se alguém ouvir a sua voz e abrir a porta, ele entra.

Por outro lado, a pergunta de Jesus ao cego carrega consigo os desafios e responsabilidades que implicam a restauração. Ao mesmo tempo em que for curado, o cego deixará de viver às custas da mendicância para se tornar um personagem ativo no reino de Deus. Ou seja, implicará na completa mudança de vida. De acordo com Bailey (2016), a salvação é mais que um momento de decisão. É um processo que compreende a transformação e reforma radical da vida, uma vez que ela é iniciada, ela irá até o fim da vida. Contudo, a restauração total só será alcançada na vida eterna.

Embora Bartimeu tenha solicitado a cura física (e ele foi atendido por Jesus!), o que recebe destaque do Senhor é a sua fé. Mas que fé o cego confessou? A questão está implícita na narrativa. Bartimeu tem fé que Jesus tem o poder de Deus para curar. Ele afirma que Jesus é o Filho de Davi (um título messiânico), portanto, o reconhece como Salvador. E ele confia que Jesus tem compaixão pelos pobres (não só na esfera material), entre os quais ele se inclui.

Kivitz (2012) destaca que a cura de Bartimeu foi uma consequência de sua verdadeira condição espiritual, isto é, a fé. Pois um homem capaz de enxergar em Jesus de Nazaré o Messias e Senhor não era cego de verdade. Ele não passou a ver apenas quando Jesus lhe

abriu os olhos físicos, pois este milagre apenas revela o que ele, há muito tempo, já era capaz de ver. Ou seja, cego não é quem não enxerga o mundo. Cego é quem não enxerga Deus e sua obra salvadora por nós, em Jesus.

Mesmo que a fé esteja relacionada ao íntimo do nosso ser, não podemos ignorar a dimensão pública que ela deve tomar quando falamos em reino de Deus e missão de Deus.

É verdade que a fé é uma questão privativa, não pública. No entanto, no milagre envolvendo o cego Bartimeu, a fé ganha dimensões públicas. Jesus está passando no meio da rua e o cego está à beira do caminho gritando: ‘É Jesus, o filho de Davi. Eis o Messias. Vocês não estão percebendo?!’ Jesus cura o cego publicamente. O cego segue a Jesus e dá glórias a Deus publicamente. A experiência extrapola as fronteiras do íntimo e privado de maneira tão escancarada que todo o povo viu isso e também deu louvores a Deus (cf. Lucas). Aqui há não apenas um milagre específico, particular e privativo, uma relação entre o cego e Deus e Deus e o cego, mas uma manifestação pública da presença de Deus, que está no meio da rua e deve ser reconhecido e glorificado (KIVITZ, 2012, p. 274).

Nosso compromisso com Jesus também deve ser público. Para que as pessoas ao nosso redor conheçam a Jesus e sejam salvas por ele. Esta é a tarefa da igreja. É a razão do nosso louvor (que é público). É o sentido de deixar a nossa luz brilhar para que os outros vejam as coisas boas que fazemos e louvem ao Pai que está no céu (Mt 5.16).

Como nos lembra Lutero (2014, p354), “Deus derrama suas ricas e maravilhosas bênçãos sobre todos. Mas quão ingratas e cegas são as pessoas! Elas não reconhecem essas bênçãos como milagres surpreendentes de Deus e, assim, não as admiram, não dão graças por elas, nem agem com felicidade a respeito delas”.

Como pessoas redimidas pelo Messias, somos chamados a vivenciar publicamente a nossa fé, glorificar a Deus publicamente – em tudo que somos e fazemos, para inspirar as pessoas ao nosso redor para que reconheçam e também recebam Jesus como seu salvador pessoal.

Por fim, o texto do evangelho afirma que “Bartimeu começou a ver de novo e foi seguindo Jesus pelo caminho” (v.52). A autoridade de Jesus sobre tudo e todos e a sua ação surpreendente, compassiva, elegante e restauradora impacta nossa maneira de viver. E não pode ser diferente. Seguir Jesus é o reflexo prático da salvação.

A verdade é que todos nós (os crentes) somos seguidores de Jesus. Somos todos peregrinos, em jornada. Estamos todos seguindo o caminho daquele que nos resgatou, ansiosos em voltar para casa, para nossa terra, para nosso lar. Somos todos discípulos, ainda imperfeitos, à espera da completa restauração, à espera de Jesus que virá “com poder

e grande glória” (Mt 24.30).

4. Aplicação homilética

A forma de abordagem homilética é sempre uma questão muito pessoal. O modo de fazê-lo na prática depende muito das características individuais de cada pregador. Por esta razão, as considerações deste estudo visam munir o oficiante de reflexões que possam ser desenvolvidas de acordo com seus recursos, dons e conforme as características dos seus ouvintes.

Além disso, cada um dos textos bíblicos do domingo possui singularidades que permitem diferentes abordagens temáticas na mensagem. Cabe ao pregador escolher, de acordo com seu contexto, aquilo que é mais apropriado para ser trabalhado.

Uma possibilidade é trabalhar uma ênfase central que perpassasse todos os textos e, assim, fazer uso de todos eles para uma abordagem que priorize um tema principal. Como por exemplo, pode-se falar da restauração de Deus, destacando aspectos do passado, do presente e do futuro. Se o pregador escolher trilhar este caminho, uma possibilidade de ilustração prática é partir da explicação do uso comum de termos como ‘restauração’ e ‘restaurador’ (de carros, por exemplo). E, a partir disso, pode-se falar do sentido bíblico da restauração que Deus proporciona por meio de Jesus.

Como este estudo procurou detalhar um pouco mais o texto do evangelista Marcos, fica ainda a sugestão de alguns tópicos que podem ser abordados na mensagem.

Título: “Anime-se, Jesus te chama!”

- Ele é o poderoso Deus, o Filho de Davi, nosso Salvador.
- Ele é compassivo e ouve nossa súplica.
- Ele é elegante e pede permissão para entrar na sua vida.
- Ele pode restaurar tudo e todos.

Rev. Heitor Alberto Stahnke